

ORDENAÇÃO DE ADVÉRBIOS EM TEXTOS RELIGIOSOS

Maria Maura Cezario (UFRJ)
Mariângela Rios de Oliveira (UFF)
Mário Eduardo Martelotta (UFRJ)
Sebastião Votre (UFF)
Victoria Wilson (UERJ)

Resumo: Este trabalho apresenta a análise de diferentes tipos de advérbios e expressões adverbiais em textos religiosos; apresenta alguns fatores que justificam as diferentes posições que esses elementos podem ocupar na cláusula e também se refere a diferentes sincronias da língua portuguesa.

Palavras-chave: advérbio, ordem de palavra, iconicidade, gramaticalização.

Abstract: This paper presents the analysis of the uses of different types of adverb and adverbial expressions in religious text; it shows some of the factors that justify the different positions occupied by these elements in the clause, and it also refers to different synchronies of the Portuguese language .

Key-words: adverb, word order, iconicity, grammaticalization.

1- INTRODUÇÃO

Neste trabalho apresentaremos os resultados das pesquisas sobre advérbios que a nossa equipe (parte do Grupo de Estudos Discurso & Gramática¹) está desenvolvendo atualmente.

¹ O Grupo de Estudos Discurso & Gramática estuda a língua em seu uso com base nos pressupostos teóricos da lingüística funcionalista americana.

Nossa análise volta-se principalmente para o estudo de textos religiosos católicos com o intuito de fazermos uma comparação entre textos arcaicos e textos contemporâneos sobre a temática “religião”.

A pesquisa insere-se na linha de estudo funcionalista americana cujos pressupostos podem ser encontrados em Givón (1990, 1995), Bybee & Hopper (2001), Traugott & Heine (1991), Heine et alii (1991), Furtado da Cunha, Rios de Oliveira & Martelotta (2003), dentre outros. Nossos resultados ora apontam para fenômenos mais discursivos motivados por princípios funcionalistas – sobretudo o princípio da iconicidade – ora apontam para fenômenos mais fixos, mais gramaticalizados.

Pretendemos, com o decorrer da pesquisa, apresentar os fatores sintáticos, semânticos e discursivos que motivam as diferenças de ordenação dos advérbios na oração e apresentar um estudo histórico dos usos dessa classe de palavras. Após uma pequena exposição sobre o discurso religioso e sobre o nosso *corpus*, apresentaremos os resultados relativos aos usos de advérbios que se referem a espaço, tempo, modo e modalidade, nesta ordem.²

2 – O TEXTO RELIGIOSO

Nosso *corpus* é composto por textos religiosos católicos arcaicos e contemporâneos, mas, como a pesquisa ainda está em

As primeiras pesquisas desse grupo foram coordenadas por Sebastião Votre na Faculdade de Letras da UFRJ. Hoje o grupo é formado por pesquisadores de várias universidades do Brasil e tem como coordenador geral Mário Martelotta. No momento, as pesquisas voltam-se principalmente para as questões ligadas à ordem de constituintes e à história dos usos dos advérbios no português.

² Mariângela Rios de Oliveira ficou responsável pelo estudo dos advérbios de lugar (seção 3 deste artigo); Maria Maura Cezario estudou os advérbios

fase inicial, não apresentaremos aqui um estudo histórico de todos os tipos de advérbios listados acima.

Segundo ORLANDI (1987), o texto religioso não apresenta a “reversibilidade”, que consiste na troca de papéis na interação que normalmente constitui os discursos, ou seja, a possibilidade de o falante se tornar ouvinte e de o ouvinte se tornar falante. Essa troca de papéis não é possível num texto religioso, já que o enunciador é considerado o representante de Deus, que não troca de lugar com o receptor. Apesar disso, existe, no discurso religioso, o que ORLANDI chama de “ilusão de reversibilidade”. Essa ilusão é o sentimento que nos faz pensar que há trocas discursivas.

Através da emoção e da comparação, espera-se que a fé seja alcançada e que o receptor mude suas atitudes. Na representação do sagrado como valor supremo, subordinam-se os outros valores. Dessa forma, espera-se que a experiência religiosa possa ser vivida pela emoção e reflexão a partir das comparações e exemplos apresentados nos textos. O intuito é o de conduzir o homem para a felicidade através de sua libertação. Os textos contemporâneos versam sobre temas atuais como sexualidade e depressão, mas implicitamente há sempre o intuito de se pregar (de se redizer, segundo ORLANDI) a doutrina católica e de (re)conquistar os fiéis.

3 – ITENS LOCATIVOS EM PORTUGUÊS

Nesta seção, dedicamo-nos à descrição interpretativa da ordenação de itens adverbiais locativos em três textos religiosos da sincronia atual da língua portuguesa: *Tocar o Senhor* (TS),

e as locuções adverbiais temporais (seção 4); Mário Martelotta e Sebastião Votre ficaram responsáveis pelo estudo dos advérbios de modo (seção 5); e Victoria Wilson fez o estudo dos advérbios modalizadores (seção 6).

Um coração que seja puro (CSP) e *Amor é vida* (AV)³. Observamos tanto a derivação de sentido, ou polissemia, que caracteriza esses usos, quanto a derivação categorial, ou gramaticalização.

Os resultados até agora obtidos apontam as posições adjacentes ao verbo, notadamente a pós-verbal, como as mais frequentes, o que causa certa surpresa, considerada a condição de subclasse adverbial não-predicativa (ILARI et alii, 1996) ou não-modificadora (NEVES, 2000) dos itens em análise.

Itens locativos	Posições pré-verbais			Posições pós-verbais		
	P1 SAV	P2 AV	P3 AXV	P4 VA	P5 VXÁ	TOTAL
(D)ai	1	8	7	5	-	21
(D)ali	1	7	5	16	3	32
Aqui	1	2	6	6	-	15
Lá	-	4	1	7	1	13
TOTAL	3	21	19	34	4	81

Tabela 1: Tipos e frequência de ordenação de locativos em textos religiosos atuais

Outra tendência diz respeito à fraca possibilidade, ou quase cancelamento, de os locativos situarem-se entre o sujeito e o verbo na fase atual da língua portuguesa, como em:

- (1) Dinheiro e pureza de sentimentos quase nunca se casam. Os fatos **ai** estão. (CSP)
- (2) O lago é o mesmo e, em ambas as ocasiões, a situação é a mesma: uma pescaria frustrada. Jesus, também **aqui**, aparece como um desconhecido. (TS)

Em (1) e (2), pode-se discutir, inclusive, se é possível se falar de “posição” do locativo em termos estritos, uma vez que, conforme Erman & Warren (2000), *ai* em (1) e *aqui* em (2) integram o que os autores designam por “unidades pré-fabricadas”. Assim, o que deveria ser observado, em termos de ordenação, seria a localização das unidades *ai estão* e *também aqui*, respectivamente.

³ *Tocar o Senhor* (Pe. Léo. São Paulo: Edições Loyola, 2001); *Um coração que seja puro* (Pe. Zezinho SCJ. São Paulo: Paulus, 1982); *Amor é vida* (Frei Anselmo Fracasso. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000).

Outra tendência apontada pelos dados da Tabela 1 é a distinção de frequência com que se articulam os locativos. A maior ocorrência de *ali*, em referência a espaço físico concreto, nas três obras sincrônicas pesquisadas, pode estar relacionada ao grande número de trechos narrativos articulados nesses textos.

Itens locativos	Posições pré-verbais			Posições pós-verbais		
	P1 SAV	P2 AV	P3 AXV	P4 VA	P5 VXÁ	TOTAL
(D)ai	-	6	5	-	-	11
(D)ali	-	3	2	7	-	12
Aqui	1	2	-	3	-	6
Lá	-	1	-	-	-	1
TOTAL	1	12	7	10	0	30

Tabela 2: Tipos e frequência de ordenação de locativos em *Tocar o Senhor*

Agora, comparemos os resultados obtidos a partir do primeiro livro com os obtidos a partir da análise dos outros dois livros (tabelas 3 e 4).

Itens locativos	Posições pré-verbais			Posições pós-verbais		
	P1 SAV	P2 AV	P3 AXV	P4 VA	P5 VXÁ	TOTAL
(D)ai	1	2	2	5	-	10
(D)ali	-	3	2	9	1	15
Aqui	-	-	3	3	-	6
Lá	-	1	1	6	1	9
TOTAL	1	6	8	23	2	40

Tabela 3: Tipos e frequência de ordenação de locativos em *Um coração que seja puro*

Itens locativos	Posições pré-verbais			Posições pós-verbais		
	P1 SAV	P2 AV	P3 AXV	P4 VA	P5 VXÁ	TOTAL
(D)ai	-	-	-	-	-	0
(D)ali	1	1	1	-	2	5
Aqui	-	-	3	-	-	3
Lá	-	2	-	1	-	3
TOTAL	1	3	4	1	2	11

Tabela 4: Tipos e frequência de ordenação de locativos em *Amor é vida*:

O exemplo (3) ilustra o tipo mais frequente de articulação dos locativos:

- (3) E aos puros de coração é dado o direito de ver a Deus. Viu Jesus transfigurado. Puro de coração como era, logo pensou em estabelecer **ali** três tendas... (CSP)

Esses itens constituem uma categoria prototípica, conforme Taylor (1995). Assim, *ali* ocupa lugar mais central na classe dos locativos, como representante “ótimo”; num total de 32 ocorrências, o item *ali* tende: a) a suceder o verbo; b) a compor seqüências narrativas; c) a escopar verbo transitivo e de atividade física; d) a se referir a espaço físico e concreto; e) a funcionar como adjunto; f) a processar anáfora textual.

Por outro lado, o segundo item mais freqüente (*ai*) situa-se em ponto marginal. De suas 21 ocorrências, tende: a) a anteceder o verbo; b) a compor seqüências expositivas; c) a escopar verbo de estado; d) a funcionar como conector; e) a processar anáfora textual. A variável “referenciação” não foi trabalhada quantitativamente para *ai*, seja por sua polissemia marcante, seja pelo processo de gramaticalização mais avançado que este item manifesta, devido à migração para a classe dos conectores. O exemplo a seguir ilustra a sobreposição funcional característica desse item:

(4) Na oração ele se revela a nós e aí é possível encontrá-lo, descobri-lo e amá-lo. (TS)

Em (4), o locativo *ai* pode se referir ao espaço virtual *na oração*. Por outro lado, como está mais afastado desse referente e compõe uma seqüência expositiva, ordenando-se logo após a partícula *e*, pode também assumir referenciação textual, de natureza lógico-conclusiva, como *então*, o que já lhe confere outro *status* categorial, uma vez que passa, como juntor oracional, à classe dos conectivos. Diante dessa situação, nossa opção, no momento, tem sido a de tratar esses casos como de sobreposição funcional, trechos ilustrativos de trânsito categorial, de mudança com manutenção, de ganho sem perda absoluta, de contextos híbridos, em que o hibridismo não configura problema, e sim condição própria e necessária prevista pelo processo de gramaticalização.

4 – AS LOCUÇÕES ADVERBIAIS TEMPORAIS E/OU ASPECTUAIS

Nesta seção, iremos deter-nos na apresentação dos resultados iniciais da pesquisa sobre as locuções adverbiais temporais e/ou aspectuais no português arcaico, a partir da análise do livro *Orto do Esposo* (cf. MALER, 1956) – mais precisamente das suas 150 páginas iniciais. Realizamos alguns testes a fim de começarmos a pesquisa que tem os seguintes objetivos: (1) caracterizar as posições mais típicas das locuções adverbiais temporais e/ou aspectuais no português arcaico para futuramente compararmos com contemporâneo; (2) classificar os diversos tipos de locuções adverbiais temporais e/ou aspectuais e (3) verificar se o tipo de locução adverbial (função) influencia na sua ordenação das locuções no português.

Seguindo a linha funcionalista, estamos partindo do pressuposto de que há diferentes motivações para a ordenação de elementos na frase (e neste ponto estamos nos voltando para a iconicidade) e de que a repetição de usos lingüísticos leva à fixação de construções em dadas posições na frase – de acordo com os princípios da gramaticalização (cf. BYBEE & HOPPER, 2001).

As locuções adverbiais podem aparecer em diferentes contextos sintáticos em português. Para simplificar a nossa análise, codificamos os dados segundo três contextos sintáticos (Adv é a locução adverbial):

4.1 – POSIÇÃO PRÉ-VERBAL (AdvV)

(1) “E Socrates **per noueeta e noue ãnos** nõ quedou de $\frac{1}{2}$ synar e escrepuer sciencia con door e cõ trabalho” (*Orto do Esposo*, p. 53)

4.2 – POSIÇÃO PÓS-VERBAL (VAdv)

(2) “Onde diz Aristoteles que a elifante femea trage **per dous anos** o parto eno uentre, porque a grande corpo” (*Orto do Esposo*, p. 63)

4. 3 – POSIÇÃO ENTRE O AUXILIAR E O VERBO (AUXADV)

(3) "... ca e Roma foy **hã vez** achado hii corpo dhii gigante muy grande" (*Orto do Esposo* p. 108, l. 24-25)

Foram encontrados 178 locuções, sendo 43,2% na posição pré-verbal, 55% na posição pós-verbal e 2% na posição intermediária, entre o auxiliar e o verbo. Esse resultado demonstra que, no português arcaico, as locuções podiam ocorrer tanto na posição pré-verbal quanto na pós-verbal, mas havia uma pequena tendência a ocorrer mais na posição pós-verbal. A pergunta aqui é: que fatores motivam a "escolha" entre a posição pré-verbal e a pós-verbal? Para tentarmos responder a essa pergunta, começamos por um fator de ordem estrutural e por um de ordem semântica.

Verificamos se havia alguma relação entre posição da locução verbal temporal e/ ou aspectual e a estrutura sintática do português. No português arcaico, havia várias ordens para os constituintes da oração e, no *corpus* analisado, as ordens mais frequentes foram: SV, SVO, V, VO, VS e VOS. Juntamos os resultados das duas primeiras ordens, pois apresentaram o mesmo resultado.

Posição Ordem	Posição pré-verbal		Posição pós-verbal		Total	
	Apl.	%	Apl.	%	Apl.	%
SV+SVO	29	36,7	50	63,3	79	100
V	6	22,2	21	77,8	27	100
VOS	4	100	0	0	4	100
VO	15	62,5	9	37,5	24	100
VS	16	57,1	12	42,9	28	100

Tabela 5: Relação entre posição da locução adverbial e ordem de palavras no português arcaico

Nas ordens mais frequentes SV, SVO e V, a locução ocorre após o verbo. Já nas ordens em que a posição pré-verbal está vazia (sem constituinte obrigatório) e há, ao mesmo tempo, constituintes depois do verbo, a posição típica da locução é posição pré-verbal (VOS, VO e VS). No português arcaico, a tendência era a seguinte (pelo menos no livro estudado):

(SV)V (O) + locução

locução + VS
VO
VOS

Com relação ao fator semântico controlado, utilizamos a classificação semântica presente em Ilari (2001). Com o objetivo de verificar se há uma motivação semântica para ordenação das locuções em estudo, classificamos todas as locuções de acordo com a sua função em:

a) **locuções com função durativa:** informam a duração do tempo empregado na realização da ação verbal. Um exemplo do nosso corpus é :

(4) "...hii gentil, que auia nome Thioponto, quisera traladar a Sancta Scriptura e mistura-la cõ as sua hystorias que escripya e foy pori feicto sandeu **per trinta dias**" (*Orto do Esposo*, p. 45)

b) **locuções com a função reiterativa:** indicam a frequência de realização da ação:

(5) "O abbade Ysidoro choraua **muytas uezes** estando aa mesa, quando comia" (*Orto do Esposo*, p. 42)

c) **locuções com função dêitica ou localizadora,** localizam a ação verbal no tempo:

(6) "**Emno dia da payxom de Jhesu Christo** forã fectos treeuas per toda a terra" (*Orto do Esposo*, p. 68)

Dos tipos apresentados, somente as dêiticas podem ser consideradas como puramente temporal, pois localizam o processo verbal no tempo presente, passado ou futuro; já as durativas e as reiterativas apresentam a idéia de tempo juntamente com a noção de aspecto. A próxima tabela apresenta os resultados da codificação de todas as locuções encontradas segundo o tipo semântico:

Posição Função	Pré-verbal		Pós-verbal		Aux Adv Verbo		Total	
	Apl.	%	Apl.	%	Apl.	%	Apl.	%
Reiterativa	47	46,5	51	50	3	3	101	100
Dêitica	26	60	17	40	0	0	43	100
Durativa	4	12	30	88	0	0	34	100
Total	77	43,2	98	55	3	2	178	100

Tabela 6: Relação entre tipo de locução adverbial e posição

A tendência geral do português arcaico é a locução ocorrer na posição pós-verbal. Isso vale tanto para as locuções reiterativas (as mais frequentes) quanto para as durativas. Mas as durativas ocorrem predominantemente nessa ordem (88%). As locuções dêiticas ou localizadoras, ao contrário, tendem a ocorrer na posição pré-verbal (60%). Isso porque grande parte delas ocorre logo no início da oração, ou da frase, estabelecendo uma relação também anafórica com o discurso antecedente ou localizando a ação verbal no tempo antes mesmo de mencioná-la.

Além disso, vimos que, no *Orto do Esposo*, essas locuções também fazem uma oposição entre diferentes tempos: o momento da enunciação e os momentos em que ocorreram histórias contadas como exemplos de experiências de fé em Jesus e nas Escrituras. E o livro está repleto dessas passagens. Ocorrendo a locução logo no início da frase, o foco da leitura muda para um desses momentos.

Com isso, esses usos, em diferentes passagens do texto, podem contribuir tanto para estratégias de coesão textual (anáfora) quanto de coerência na argumentação religiosa, que tem as passagens bíblicas ou de experiências de fé como argumentos para levar ao crescimento espiritual e à valorização das escrituras.

Há, portanto, fatores de diferentes ordens (aqui vimos somente um fator sintático- a estrutura da oração – e um fator semântico – o tipo de locução) que motivam as diferentes ordenações para as locuções adverbiais temporais e/ou aspectuais no português arcaico. Pretendemos futuramente ampliar o *corpus* do português arcaico e analisar também o português atual para testarmos

as categorias aqui apresentadas, além de outras, e fazermos uma comparação. Numa análise preliminar de textos religiosos contemporâneos (cf. CEZARIO, 2003), encontramos uma tendência de ordenação diferente da encontrada no português arcaico: no texto religioso atual, a tendência de colocação de locuções é pré-verbal. Assim, as próximas etapas da pesquisa se configuram no sentido de demonstrar essa possível mudança nas tendências de ordenação, além de buscar os fatores motivadores das diferentes ordenações em cada sincronia.

5 – A EXPRESSÃO DO MODO EM PORTUGUÊS

Paralelamente à construção nominal, em que o adjetivo expressa qualidade (comida *boa*), os advérbios de modo – objeto de estudo dessa seção – modificam o sentido dos elementos a que se referem: *comer bem*, *maravilhosamente bem*, etc.

Os advérbios de modo são considerados por Castilho (1999) e Ilari et alii (1996) como elementos quase-argumentais, já que, quando se referem ao verbo, esses advérbios apresentam determinadas restrições seletivas quanto ao conteúdo do verbo que modificam, tendo, portanto, fundamento argumental. Assim, alguns advérbios não podem referir-se a determinados verbos, como, por exemplo, o advérbio *gratuitamente*, que não pode ser atribuído a verbos como *pagar*, *comprar* e *vender*.

De fato, do ponto de vista semântico, o modo está diretamente ligado à essência da ação verbal. Em função disso, em muitos casos, o modo da ação está expresso no próprio item lexical. Assim, verbos como *arrastar-se* e *engatinhar* trazem mais a marca do papel semântico “modo” (GIVÓN, 2001) do que o verbo não marcado *ir*:

- (1) (a) Ele **foi** para casa (b) Ele **se arrastou** para casa (c) Ele **engatinhou** para casa.

Alguns advérbios qualitativos de pouca extensão fonética, como *mal* e *bem*, podem se ligar ao verbo como afixo: *bendizer*, *maldizer*. Fatos como esses são conseqüentes do subprincípio icônico da proximidade (GIVÓN, 1990), segundo o qual entidades que estão próximas funcional, conceptual ou cognitivamente serão colocadas uma próxima da outra no nível da codificação, isto é, temporal e espacialmente.

Givón (2001), ao afirmar que os diferentes tipos de verbos são caracterizados em função dos papéis semânticos dos participantes da construção, apresenta a noção de modo como um papel semântico, que ele define como “a maneira pela qual um evento ocorre ou como um agente desempenha a ação”. Assim, pode-se ampliar a visão tradicional de que os advérbios de modo se referem ao verbo, propondo que esses elementos podem, também, ter como alvo o sujeito agente, como em:

(2) A gaivota voava **baixo**.

Com base nessa definição de modo, é também interessante observar, com Jackendoff (1972), que os advérbios de modo podem se referir ao verbo, ao sujeito ou ao falante:

(3) João falou **pausadamente**.

(4) João **inteligentemente** deixou cair a xícara de café.

(5) **Certamente**, João falou bem.

5.1 – ADVÉRBIOS ORIENTADOS PARA O FALANTE

Esses advérbios seguem a trajetória de mudança proposta em Traugott (1995), caracterizada por um processo de gramaticalização, segundo o qual determinados advérbios ganham progressivamente liberdade sintática e têm seu escopo ampliado, até assumirem função de marcador discursivo. Segundo a autora, essa trajetória unidirecional pode ser caracterizada do seguinte modo: *advérbio interno à cláusula* > *advérbio sentencial* > *marcador discursivo*.

Essa trajetória caracteriza os advérbios portugueses *certamente*, *praticamente*, *obviamente*, *realmente*, *com certeza*, *de fato*, entre outros. Propomos, portanto, que os chamados advérbios modalizadores estão no meio dessa trajetória de mudança, tendo alguns, de fato, alcançado o *status* de marcador. Um estudo mais detalhado desse tipo de advérbio será apresentado na seção 7 deste artigo.

5.2 – ADVÉRBIOS ORIENTADOS PARA O VERBO E PARA O SUJEITO

Casos como os de *pausadamente*, *bem*, entre outros, que semanticamente são incompatíveis com o comportamento do sujeito, não podem qualificar o comportamento do sujeito.

(6) João fala **bem**.

Advérbios como *corretamente* e *inteligentemente* são derivados de adjetivos atribuíveis a um sujeito basicamente agente e intencional. Portanto, podem ser utilizados como caracterizadores do comportamento do sujeito:

(7) João **corretamente** falou com os professores. (sujeito)

João foi correto e falou com os professores.

5.3 – O DESENVOLVIMENTO DE ADVÉRBIOS DE MODO

Por sua natureza qualitativa, os advérbios de modo tendem a ser procedentes de adjetivos. Segundo Basílio (2002), há dois processos que formam advérbio em português; a derivação sufixal, que se dá pela inserção de *-mente* a um adjetivo, e o processo de conversão através do qual adjetivos se tornam advérbios em determinados contextos sintáticos.

Segundo Pereira (1935), o latim formava advérbios a partir de adjetivos, acrescentando as desinências *-e*, *-er* e *-iter*, além de dar valor adverbial a certos adjetivos no acusativo. Entretanto, afirma o autor, um processo novo desenvolveu-se em português e nas outras línguas românicas na formação do advérbio de modo: aglutinar o substantivo feminino *-mente* (do latim *mentem* = maneira, intenção) aos adjetivos, que, com isso passam à forma feminina: *justamente*, *honradamente*, etc.

No português arcaico, empregou-se já com a variante gráfica representando um vocábulo único:

(8) A uestidura molle **legeiramente** faz dilycado o corpo riio.
(Orto do Esposo)

Muito interessante é o exemplo (9), em que os elementos constituintes aparecem sob a forma variante, com fronteira vocabular:

(9) E o husureyro lhe disse que as duas cousas prymeiras faria **de boa mente** mas a IIIra nõ podia fazer... (Orto do esposo)

5.4 – CONVERSÃO: ADVÉRBIO DE MODO, OU MODO DO ADJETIVO?

Aqui focalizaremos o uso de formas de aparência parcialmente adjetiva, em função indeterminada na confluência adjetivo-advérbio, em determinados contextos em que não se flexionam em gênero e número, e podem especificar propriedades do modo de dar-se a ação verbal e/ou atributos do substantivo, apresentando, portanto, características sintáticas e semânticas de ambas as classes nesse domínio de descrição como em:

(10) (a) Ela corre **rápido**. (b) Ela anda **esquisito**. (c) Ela fala **alto**. (d) As gaivotas voavam **baixo**.

Os elementos destacados aparecem relativamente invariáveis, e apresentam comportamento mais, ou menos típico dos

advérbios de modo, uma vez que seu escopo supostamente atinge o verbo, ou não atinge especificamente o substantivo. Os casos citados configuram um gradiente de atribuição, quer primariamente ao substantivo, quer ao verbo, ou no limbo. Assim, podemos fazer a leitura segundo a qual em (10a), ela corre de modo rápido e é rápida na corrida, em (10b) ela anda de modo esquisito e é esquisita no andar. Mas não podemos dizer que em (10c) ela é alta no falar, ou que em (10d) as gaivotas são baixas no voar.

Vejamos inicialmente como abordam a questão as correntes clássica e estruturalista, de orientação binária. Nas palavras de Hummel (2002a), “são advérbios mesmo. Por isso podemos substituir *correr rápido* por *correr rapidamente*”. Para efeito de identificação, vamos nos referir a esse tipo como adjetivo adverbializado de *Tipo 1*.

Existem também casos em que ocorre justaposição de dois atributivos, sendo que o primeiro deles, difícil ou impossível de classificar em termos exclusivos e discretos, determina o segundo, por sua vez no interstício entre adjetivo e verbo, pois que tem aparência de adjetivo participial. Nesse contexto, cria-se um problema para os ditames da taxionomia gramatical clássica, que não admitiria um adjetivo modificando outro adjetivo. Entretanto, aqui, mais do que no caso do tipo 1, o determinante ocorre na posição sintática de advérbio e com a morfologia de forma invariável. O exemplo abaixo apresenta esse tipo de adjetivo adverbializado, que caracterizaremos como de *Tipo 2*:

(11) Ela estava **meio** cansada.

É comum a cópia dos traços típicos da morfologia de adjetivo, resultando:

(11') Ela estava **meia** cansada.

Camões usava a forma flexionada de *meio* como vemos na fala descontraída apresentada no exemplo (11). Em linguagem literária do romantismo e do modernismo, esse uso não é incomum (exemplos 13 e 14):

- (12) Huns caem **meios** mortos (*Os Lusíadas*)
 (13) A virgem **meia** suspensa, a rosa meia oculta (G. Dias)
 (14) ... rompendo nessas palavras **meias** suspiradas... (M. de Assis)

A consciência do caráter indeterminado das formas nessa posição leva Barreto (1980) a chamar atenção para o fato de que, mesmo na norma padrão atual, não é incomum adjetivos se encontrarem com força de advérbio, modificando adjetivo ou verbo, e concordarem com o seu alvo:

- (15) (a) Ela está toda molhada. (b) casa está toda estragada. (= totalmente)

Barreto, nesse caso, fala especificamente no uso da forma como adjetivo indefinido, que, como variante do advérbio *todo*, está se referindo ao adjetivo, já que *molhada* se apresenta à consciência mais como adjetivo do que como verbo em sua forma participial, e os exemplos que o autor dá apresentam *todo* sempre modificando participípios (nunca verbos plenos). A nos guiarmos por ele, estaríamos diante de nova confluência, agora na classe do determinado: adjetivo participial, ou participio verbal.

Os casos em que aparecem os advérbios de *Tipo 1*, como os apresentados no exemplo (10), parecem ser mais regulares. Trata-se, de fato, de um processo tão produtivo no português que Basílio (2002) o considera, ao lado da derivação com o sufixo *-mente*, um dos processos de formação de advérbio, que ela chama de conversão. Já os casos como os apresentados nos exemplos de (11) a (15), que caracterizamos como de *Tipo 2*, parecem ser mais específicos de determinados vocábulos. Observe-se que Basílio não menciona, em seu estudo sobre o processo de conversão, casos do *Tipo 2*.

Também há grande produtividade do *Tipo 1* em textos literários portugueses e brasileiros, como em:

- (16) Os remadores remavam **certo e sem pressa** (J. Saramago)
 (17) ... já que escrevo **tosco e sem ordem** (C. Lispector)

Conforme Hummel (2002b), o processo de conversão é comum em todas as línguas românicas, sendo o único processo de formação de palavras em romeno (nesta última, os poucos advérbios em *-mente* que existem são provenientes do francês).

De acordo com Mário Barreto, é propriedade de nossa língua “usar adjetivo com voz invariável com força de advérbio: maneira que usavam também os latinos”. Eis os exemplos do autor, que apresentam dois sintagmas nominais, o segundo deles em acusativo.

- (18) (a) Scutula sublime fixa. (Cícero) (b) Romam recens conditam.

Casos como esse, constituem exemplos de adjetivos adverbializados do *Tipo 2*, apresentados de (11) a (15), ou seja, casos em que um adjetivo ao se referir a outro adjetivo participial, (nos termos do autor) assume “voz invariável com força de advérbio”.

O mesmo ocorre com os casos do *Tipo 1*, que ocorrem nas línguas indo-européias e, portanto, são normais no latim. Faria (1975) afirma que, “em latim, a maioria dos advérbios de modo se deriva de adjetivos”, como os de tema em *-e* (*juste, male e breve*) e os de tema em *-o* (*certo, continuo, falso, súbito*), dentre outros. Logo, formas como *bem* e *mal* são a forma atual dos advérbios latinos *bene* e *male*, que, por sua vez, são associados aos adjetivos correspondentes *bonus* e *malus*.

Nesses casos, tomamos como ponto de referência as idéias de reanálise parcial, e não propriamente de descategorização (cf. HOPPER, 1991), porque estamos diante de um caso em que os limites entre as duas classes de palavras são difusos e são possíveis interpretações divergentes para o mesmo fato.

A realidade é mais complexa nos casos do *Tipo 1*, em que se verifica a invariabilidade, típica do advérbio, mas não absoluta a atribuição do alvo, o que constituiria diferença básica entre adjetivo e advérbio. Com efeito, em “A baixinha fala alto”, *alto* é

invariável e modifica o verbo, já que *a baixinha* não recebe a qualificação. Entretanto, em “Ela corre rápido”, podemos ter “Ela corre rápida” e “Ela é rápida no correr”. Portanto, parece que presenciamos um caso em que se verifica um processo inicial de descategorização, mas o mesmo não se consumou totalmente, pelo menos nos casos de *Tipo 1*. O que há de semelhante é que advérbio de modo e adjetivo são dois tipos de uma mesma categoria de modificador, e o fato de se poder fazer atribuição ao verbo ou ao substantivo.

Mas em que contexto se deu esse processo de reanálise ou descategorização *adjetivo > advérbio*? Pelo que foi apresentado acima, cremos que se possa pensar em duas possibilidades: (i) contextos em que esses vocábulos se referiam a adjetivos (ou participípios), tendendo a assumir forma de advérbio porque um adjetivo não pode modificar outro adjetivo; (ii) contexto em que esses elementos se referem a verbos à maneira de um advérbio de modo, permanecendo invariáveis.

A segunda opção se justifica em Hummel (2002a), que afirma serem esses advérbios bastante heterogêneos historicamente, já que alto, em “Ela fala alto”, já nasceu no latim, enquanto que advérbios do tipo de *esquisito* em “Ela fala *esquisito*” são formações portuguesas.

Os gramáticos mostram o mesmo fenômeno em espanhol, francês, italiano. Faria (1975) atesta que o fenômeno já era um caso prototípico de confusão entre duas classes no latim. O autor chama atenção ainda que o próprio termo *adjetivo adverbializado* é problemático, já que “advérbios como *forte* sempre foram advérbios” e, de fato, apresenta o verbete *forte* (ao lado do adjetivo *fortis*, *-e* = forte, vigoroso) como advérbio, com valor de “casualmente, por acaso, porventura”. Apresenta também o verbete *alte* (ao lado do adjetivo *altus*, *-a*, *-um* = alto, elevado) com valor de advérbio, significando “em cima, do alto, ao alto”. No português arcaico, vemos que no *Orto do Esposo* ocorre a frase:

(19) “A ave voa **alti** pare ver longe...”

Os próximos passos da pesquisa são no sentido de analisar diacronicamente os dois tipos de adjetivos adverbializados (do *Tipo 1* e do *Tipo 2*), procurando observar se existe um processo de “conversão no latim, no sentido de que adjetivos empregados em determinados contextos passem a ter valor de advérbio. Ou se o processo é derivacional: acréscimo de sufixo indicador de advérbio. Também esperamos observar em que contextos se deu essa reanálise/descategorização *adjetivo > advérbio*, tanto no que se refere ao *Tipo 1* quanto ao *Tipo 2*, detectando se se trata de dois processos distintos ou relacionados. O foco de análise, num primeiro momento, vai restringir-se aos contextos aqui apresentados: a) ação mais modo, em que o modo pode ser atribuído ao agente: trabalhar duro: ser duro no trabalho; b) Roma recém fundada: que se fundou recentemente. É importante também observarmos a posição do advérbio em latim, que tende a ocorrer antes do verbo, tendo qualquer inversão efeito estilístico. Isso é importante para a caracterização das tendências de ordenação desses elementos no português arcaico.

6 – A EXPRESSÃO DA MODALIDADE NOS USOS ADVERBIAIS

Nesta seção, apresentaremos um estudo dos advérbios em *-mente* na função de modalizadores. Para isso, são explorados três aspectos dos usos desses advérbios e algumas hipóteses relacionadas a esses aspectos que dizem respeito aos fatores que determinariam: as tendências de ordenação dos advérbios, a polissemia que caracteriza seus usos e o fenômeno da gramaticalização/discursivização.

Como o advérbio designa um conjunto muito diferenciado de elementos, o princípio funcionalista segundo o qual não há uma separação entre conhecimento lingüístico e conhecimento de mundo pode esclarecer algumas questões envolvidas quanto à natureza dessa classe de palavras.

Como foi dito na seção 5, sob o ponto de vista diacrônico, os advérbios em *-mente* seguem a trajetória de mudança proposta em Traugott (1995), segundo a qual determinados advérbios ganham progressivamente liberdade sintática e têm seu escopo ampliado, até assumirem função de marcador discursivo.

Nesse caso, a gramaticalização se converte em discursivização, pois tais advérbios estão mais sujeitos às pressões do discurso, à situação de comunicação e às relações intersubjetivas estabelecidas na interação. No entanto, a pesquisa com advérbios em *-mente*, já com valor modalizador, em textos religiosos do português arcaico, revelou que o processo de gramaticalização não está vinculado à trajetória de unidirecionalidade; os advérbios com valor modalizador, que ocupavam posições periféricas, mantiveram o mesmo valor e a mesma posição com o passar do tempo, enfraquecendo nessa posição a função qualitativa, mantida com mais nitidez em advérbios em *-mente* internos à cláusula. Esses levantamentos confirmam a hipótese de Martelotta, Barbosa & Leitão (2001), segundo a qual, se, por um lado, surgem eventualmente valores novos com o passar do tempo, por outro, existe uma tendência de estabilidade polissêmica desses elementos lingüísticos.

Incorporamos as conclusões de Ilari et alii (1996) quanto à ordenação dos advérbios. Embora essa classe de palavras apresente uma maior liberdade sintática em relação a algumas outras classes, sua posição não é aleatória; há regras de ordenação que variam de acordo com a funcionalidade do enunciado, motivadas por propriedades de natureza sintático-pragmática. Isso significa, na ótica dos autores, que para cada posição ocupada pelo advérbio corresponderá uma função e também um paradigma equivalente, levando um mesmo advérbio a assumir diferentes paradigmas e conseqüentemente novas funções.

Tanto para Ilari et alii (1996) quanto para Neves (2002, p. 174), a modalização tem um comportamento *sui generis* no tocante aos advérbios, no sentido de que pode também haver casos

de incidência focal sobre um constituinte ou pode aplicar-se a sentenças completas, qualificando-as como se fossem modalidades lógicas, conforme ilustram os seguintes

- (1) “**Infelizmente**, muitos jovens usam todo vigor de sua mocidade e a força de sua juventude para cavar a sepultura de sua própria felicidade.” (*Amor é vida*, p. 76)
- (2) “**Certamête** todo manjar da alma he seco, se não espargido sobre el este oleo do nome Jhesu (...) (*Orto do Esposo*, p. 7)
- (3) Você estará amando **verdadeiramente** se pensa mais em servir do que ser servido, se você deseja mais amar do que ser amado, se você está pronto a amar em silêncio, seja ou não correspondido em sua afeição. (*Amor é vida*, p. 66)
- (4) Somente aqueles que **realmente** fizeram em suas vidas esta maravilhosa experiência terão coragem suficiente para testemunhar Jesus (*Tocar o Senhor*, p. 9)
- (5) Oo, nome espantoso, que me faz sair **forçosamête**. (*Orto do Esposo*, p. 12)

A posição desses estudiosos, relativamente à expansão da modalização quanto ao escopo, favorece nossa interpretação no que se refere à modalidade/modalização. Como está em Neves (2002, p. 178), uma investigação de cunho funcionalista só pode examinar os dados como funcionais em relação ao todo enunciado. E no que concerne à posição, já foi salientado que ordenação e função mantêm um vínculo entre si: “a posição depende, em cada caso, da função que o advérbio exerce ao mesmo tempo que contribui para identificar o tipo de função (ILARI et alii, 1996, p. 135).

Portanto, embora admitindo que, na função periférica, os advérbios em *-mente* tenham maior liberdade sintática em relação àqueles que ocupam as posições internas à cláusula, ambos se equivalem semântica e pragmaticamente no que concerne à expressão da modalidade. Em termos morfosintáticos e pragmáticos, os primeiros se classificariam como advérbios do discurso, uma vez que modalizam todo o enunciado, ampliando o escopo –

de um nível mais estrutural/argumental para um nível discursivo e textual; os advérbios internos à cláusula, por outro lado, situam-se no âmbito inferior ao da sentença, incidindo sobre um único constituinte o qual modalizam. Nesse caso, manteriam a função de qualitativos com valor modalizador, dependendo das “pressões de uso e dos interesses discursivos.”

Uma das motivações para o deslocamento para a esquerda desses advérbios diz respeito ao grau de importância, previsibilidade e tematicidade da informação, conforme o subprincípio da ordenação linear (cf. GIVÓN, 1990). A margem esquerda preside a organização textual e favorece a expressão do ponto de vista do locutor. Além disso, favorecendo tal ordenação, atuam mecanismos de extensão metafórica que contribuem para a multifuncionalidade dos advérbios em função da posição que ocupam. Tais advérbios, portanto, são funcionalmente motivados, uma vez que a informação que veiculam está orientada para a adesão do leitor à fé e ao modo de vida cristão.

Para os advérbios internos à cláusula, o subprincípio de integração/proximidade prevê que conteúdos mais próximos cognitivamente estão mais integrados no nível da codificação. Tal postulado parece conveniente para explicar como a proximidade ao verbo ainda mantém o advérbio ligado a este elemento, caracterizando-o como qualitativo; mas, sob o ângulo discursivo-pragmático, tal proximidade, mais do que modificar o elemento sobre o qual incide, parece intensificar a força ilocucionária do mesmo e, conseqüentemente, de todo o enunciado.

Portanto, modalidade/modalização implica uma ação ou atividade discursiva, funcionalmente motivada, cuja expressão de subjetividade ou expressividade, **acentuada nas posições periféricas**, representa função relevante, revestindo o enunciado de significações que só serão apreendidas no contexto em que estão inseridas.

A classe dos advérbios precisa ser revista em termos morfosintáticos – de função acessória para uma função

argumental – e incluir a abordagem semântico-pragmática, sobretudo no que concerne à questão que envolve posição inicial correspondente a modalizador (considerando-se o subprincípio de ordenação linear) *versus* outras posições, ressaltando-se os aspectos acima mencionados: ordenação, polissemia, gramaticalização.

7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados das pesquisas aqui apresentadas mostram que a teoria funcionalista pode apresentar algumas motivações para as diferenças de uso dos advérbios e locuções adverbiais, com foco nos seus papéis discursivos e na estrutura da oração em que esses elementos estão. Essa teoria, especificamente na vertente dos estudos da gramaticalização, pode também elucidar os processos que resultam na fixação de determinados itens e expressões adverbiais em dadas posições na oração

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, Mário. *Novíssimos estudos da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença/INL, 1980.
- BASÍLIO, Margarida. Flutuação categorial de base adjetiva no português falado. In: BYBEE, J. e HOPPER, P. (orgs.) *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002.
- CASTILHO, Ataliba T. de. Advérbios qualitativos no português falado. In: *Separata del Boletín de Filología Homenaje a Ambrosio Rabanales Tomo XXXVII*. Universidad de Chile, Facultad de Filosofía y Humanidades, Dept. Lingüística, 1999, p. 271-300.
- CEZARIO, Maria Maura. A ordem das locuções adverbiais temporais e aspectuais no português escrito. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003. Texto digitado.

- CUNHA, M. Furtado da, OLIVEIRA, M. Rios de & MARTELOTTA, Mário E. (orgs.) *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- ERMAN, B. e WARREN, B. The idiom principle and the open choice principle. In: *Linguistic: an interdisciplinary journal of the language sciences*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2000.
- FARIA, Ernesto. *Gramática da língua latina*. Rio de Janeiro: FAE, 1995.
- GIVÓN, Talmy. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 1990.
- . *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- . *Syntax: an introduction*. Vol. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- HEINE, Bernd, CLAUDI, Ulrike & HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a Conceptual Framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HUMMEL, Martin. Considerações sobre os tipos *Ela fala esquisito* e *Ela chega cansada* no português coloquial e literário do Brasil e de Portugal. In: *Confluência*, 24. Rio de Janeiro: Linceu Literário Português, 2002a.
- . A conversão do adjetivo em advérbio em perspectiva sincrônica e diacrônica. *Actas do VI Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*. Rio de Janeiro: 2002b.
- ILARI, Rodolfo. *A expressão de tempo em português*. São Paulo: Contexto, 2001.
- . *et alii*. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, Ataliba T. de. *Gramática do português falado: a ordem*. v. 1. Campinas-SP: Unicamp, 1996.
- JACKENDOFF, Ray. *Semantic interpretation on generative grammar*. Cambridge: The MIT Press, 1972.
- MALER, Bertil. *Orto do esposo*. Texto inédito do fim do século XIV ou começo do XV. Edição crítica com introdução, anotações e glossário. Rio de Janeiro: INL, 1956.
- MARTELOTTA, Mário E., BARBOSA, Afrânio & LEITÃO, Márcio M. *Ordenação de advérbios intensificadores e qualitativos em -mente, em cartas de jornais do séc. XIX: bases para uma análise diacrônica*. Rio de Janeiro: 2001. Texto digitado.

- NEVES, M. H. de Moura *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2000.
- . A modalidade. In: KOCH, Ingedore (org.) *Gramática do português falado*. Campinas-SP: Ed. UNICAMP, 2002, p.171-208
- ORLANDI, Eni. *A linguagem e seu funcionamento: formas do discurso*. São Paulo, Pontes, 1987.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática histórica*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1935.
- TAYLOR, J. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. Oxford: Clarendon Press, 1995.
- TRAUGOTT, Elizabeth C. *The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization*. Dept. of Linguistics, Stanford University. 1995. Texto digitado.
- & HEINE, B. (orgs.) *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: Benjamins, 1991.